**ETNOGRAFIA DAS CASAS DE CANDOMBLÉ E JUREMA NA ZONA NORTE DE NATAL - RN: Relação entre religião e metrópole**

***Robson Cordeiro Barbosa*** [[1]](#footnote-0)

***Ricardo Alexandre Barbosa*** [[2]](#footnote-1)

***Rayssa Teotônio Domingos*** [[3]](#footnote-2)

**Grupo de Trabalho (GT):** Ensino Religioso, Cultura e Religiões afro-brasileiras

**Resumo**

Este presente relatório, faz parte da pesquisa realizada sobre a relação entre Candomblé e Jurema a partir da pesquisa etnográfica em andamento nas casas da Zona Norte Natal - RN. A pesquisa iniciou na Casa de Candomblé de Pai Batista, na Casa de Mestre Carlos, e na Casa de Babalorixa Claudio. Nessa perspectiva, reunimos dados coletados de pessoas dos diversos espaços públicos da zona norte da cidade, analisamos as interações entre as casas de Candomblé e Jurema como espaços religiosos e as comunidades. Os trabalhos teóricos que subsidiam esta pesquisa foram alguns artigos da coletânea: “Religiões e temas de pesquisas contemporâneas: diálogos antropológicos”[[4]](#footnote-3) e o texto "Religião na Metrópole"[[5]](#footnote-4)

**Palavras-chave:** Metrópole, Candomblé, Jurema, Espaços públicos, Religião

**1 Introdução**

A iniciativa desta pesquisa foi a formação na disciplina de Antropologia da Religião, ministrada pelo professor Genaro Camboim Lula e utilizamos como subsídio os textos da parte 3 da coletânea: “Religiões e temas de pesquisas contemporâneas: diálogos antropológicos” de Fátima Tavares e Emerson Giumbelli e o texto “Religião na Metrópole” de José Magnani. A pesquisa iniciou com entrevistas a pessoas ligadas às tradições de candomblé e jurema, entre elas Melquisedec Costa da Rocha, Babalorixá Pai Batista e Babalorixá Claudio. A princípio nunca havíamos estado num espaço sagrado de Candomblé e Jurema, mas logo que chegamos fomos muito bem acolhidos, quebrando um pouco o desconforto da primeira vez. Com efeito, há um certo entendimento de que o conhecimento de si é essencial, *conditio sine qua non,* para que se possa transpor a fronteira do Eu e se chegar ao entendimento do outro que do ponto de vista da antropologia, o Eu referido é o coletivo, é uma outra cultura, uma cultura que se coloca como objeto de entendimento (GOMES, 2012). Os dados começaram a ser coletados em maio de 2024.

A pesquisa tem como objetivo compartilhar os dados coletados nos diversos espaços da zona norte de Natal como espaço da metrópole e a intervenção das Casas de Candomblé e Jurema nestes espaços, refletindo sobre religião e sociedade da mesma forma que refletimos sobre os textos referidos no parágrafo anterior. Na cidade de Natal os cultos das religiões afrodescendentes têm sua origem em meados da década de 1920. Segundo Câmara Cascudo, “por influência pernambucana, acendeu-se em Natal o catimbó (xangô), baixo espiritismo com tendência de candomblé de caboclo, tendo atividade intensa no mundo dos pobres, como destaca o escritor.” (ASSUNÇÃO, Luiz apud CASCUDO, 1967, p. 107). Segundo levantamento efetuado nos últimos anos através de pesquisa nos arquivos da Federação de Umbanda e Candomblé do RN e trabalho de campo com a participação de alunos da UFRN, constatou uma quantidade aproximada de 327 terreiros na cidade de Natal. No entanto, a falta de condições objetivas de pesquisa inviabilizou sua continuidade e o conhecimento qualitativo desse campo religioso[[6]](#footnote-5). Na zona norte de Natal, segundo a pesquisa, são 79 terreiros cadastrados. Na região metropolitana de Natal são 18 casas[[7]](#footnote-6) de terreiros contabilizados na pesquisa da época. Acreditamos que pela limitação das pesquisas e o crescimento urbano da cidade este quantitativo não corresponde à realidade.

**2 Fundamentação teórica**

O estudo da religiosidade nos grandes centros urbanos, e algumas áreas rurais circundadas por estes, tem nos conduzidos a destacar o papel dos cultos das religiões afrodescendentes nos espaços públicos por elas ocupados, com efetiva ação social como por exemplo o cuidado com a atenção da saúde básica através de seus rituais de cura e também formações técnico-educacionais através de promoção de cursos profissionalizantes. Neste sentido, o candomblé pode ser compreendido como uma arena de cuidados, na qual crenças e práticas relacionadas ao processo de cuidado e saúde são compartilhadas (RABELO, 1999). Esses processos levam a uma interação dualista de parcerias e conflitos. Em sua grande maioria sem depender do poder público, esses terreiros do candomblé vêm se mantendo graças a força de seus seguidores e confiança em seus ancestrais. Segundo Assunção:

“no contexto da umbanda que as práticas religiosas populares como o culto da jurema, por serem marginalizadas, estigmatizadas, estereotipadas e ideologicamente perseguidas, encontram respaldo e espaço de afirmação de suas práticas.”(ASSUNÇÃO, 2010, p. 269)

Em Natal, entre as décadas de 1950 e 1960, a literatura e a oralidade dos povos de terreiros registram a chegada do candomblé, em sua variação do rito nagô conhecido como xangô pernambucano (ASSUNÇÃO apud FERNANDES, 1937). Luiz Assunção ainda afirma:

“O crescimento da Zona Norte, com os conjuntos habitacionais, loteamentos e uma periferia que cresce neste desordenado urbano, é acompanhado com a mesma intensidade pelos novos terreiros de umbanda e jurema que são abertos, sobretudo por uma parcela jovem que nas bordas e limites da região metropolitana estabelece conexões e elabora formas de vivenciar a religião.” (ASSUNÇÃO, 2022, p. 123-124)

O candomblé é um culto de tradições afro exclusivamente brasileiro. Na África existe o culto às divindades, de forma individual ou coletiva, e o culto aos orixás são parte essencial da vida social das pessoas. Nós terreiros que visitamos eles incorporaram essas tradições e procuram manter vivas suas raízes. Em seu livro, O Candomblé bem explicado, Kileuy e Vera de Oxaguiã, afirma:

“Alvo de perseguições policiais e religiosas, as casas de candomblé, no passado, eram invadidas, tendo seus objetos sagrados quebrados e, às vezes, até apreendidos. Vários terreiros foram fechados, babalorixás e yalorixás foram presos. Eram uma religião que muitos denominavam de “seita demoníaca “, devido a perseguição que lhe fazia a Igreja Católica, que se valia de seu poder para também obrigar os negros a serem catequizados, no intuito de afastá-los de sua religião. O candomblé não poderia ser denominado de “demoníaco” pois no seio da religião não existe o demônio, que é a representação do mal, como também não existe a referência ao inferno, termo muito usado no passado para assustar os escravos.” (Kileuy e Vera, 2009, p. 35)

A modernidade trouxe aos terreiros traços do colonialismo europeu muito carregados de preconceito e intolerância religiosa, devido a forte influência do cristianismo da época. Ao longo do século XX, o Brasil experimentou um processo acelerado de modernização e urbanização. Natal demorou um pouco pra entrar neste processo, mas durante a década de 1980/90 acelerou-se seu crescimento. Esse crescimento urbano trouxe consigo desafios como a desigualdade social e o crescimento populacional. Foi a época do surgimento dos principais conjuntos habitacionais da zona norte de Natal, deslocando grande parte da população para esta região. Um dos principais aspectos da modernidade, a secularização, não diminui a influência do cristianismo (principalmente o catolico) na esfera pública, acarretando a contínua perseguição aos povos de terreiros. Outro fator que contribuiu foi a intolerância religiosa ao candomblé foram o aumento considerável nesta década das igrejas evangélicas.

**3 Metodologia**

Rafaela Meneses em sua dissertação de mestrado em antropologia pela Universidade Federal de Pernambuco diz que "Seu dinamismo e capacidade de articulação tornaram sua liderança reconhecida e respeitada em sua comunidade religiosa, além de atrair novos adeptos e alianças com outras casas de culto. Nesse sentido, é importante o conhecimento de sua história de vida e como ela está relacionada com a prática religiosa em seu terreiro".(RAMOS, Rafaela Meneses/2006 – p.17). A seguir as transcrições do resumo dos relatos pessoais da biografia de Mestre Melquisedec, Pai Batista e Babalorixá Claúdio:

*Eu, Melquisedec Costa da Rocha, nascido em 26 de fevereiro de 1954, no sertão do estado do Rio Grande do Norte, filho de Alenira Costa e de Luiz Cândido da Rocha, iniciei o processo de desenvolvimento na Jurema na década de 70, aos 16 anos. Nessa época não queria saber dessas questões, criado por minha avó e minha mãe muito católica e pai juremeiro, pouco convivi com meu pai, e tive como herança o caminho espiritual. Precisei compreender a necessidade de seguir esse caminho. O primeiro passo foi frequentar a casa de Madrinha Anunciação em João Câmara. Desde o início do meu desenvolvimento eu busquei conversar com as pessoas, e nessa conversa com os mais velhos eu compreendi a história da Jurema e o seu sentido. Chegando em Natal em 72, migramos para zona norte da Cidade, onde comecei os atendimentos espirituais, grupo de estudo onde compartilhamos o conhecimento das folhas, das ervas, sempre gostei de transmitir esses conhecimentos para aqueles que me procuravam. Foi fundado na década de 80 a Tenda Espírita Simiromba, alguns anos depois nasce a Casa de Jurema Mestre Carlos. Em 1994 conheci o candomblé e veio esse sentimento de participar, e em 1997 fui iniciado por bá Marcelo de Omolú, e Bonifácio de Xangô, sendo fundado o Ilê Ilé Ifé Axé Obá Ogodô, o que me oportunizou ampliar os conhecimentos para serem novamente compartilhados. O terreiro mudou de nome em 2008, para Ilê Axé Dajô Obá Ogodô quando passou a ser cuidado por Mãe Márcia de Oxum/Egbe Ilê Iya Omidayê Axé Obalayó/ SG´RJ. O sagrado sempre me orientou na perspectiva de que os saberes adquiridos precisavam ser compartilhados, e diante toda a intolerância e preconceito que sofri, eu precisava junto aos meus orientandos, filhos e filhas de santo e carnais, criar estratégias de superar essa violência, e orientar as pessoas que a nossa fé e a nossa cultura eram mais importantes do que qualquer sentimento que nos amedrontasse. Porque era nesse sagrado que nos fortalecemos e nos dava sentido na vida. Como forma de contribuir com a formação dos meus irmãos e irmãs de terreiros, estive como Diretor Doutrinário compondo a direção da FEURN (Federação Espírita de Umbanda do Rio Grande do Norte) onde ofertamos cursos preparatórios sobre o segmento religioso. Em 2005, com a iniciação da minha filha Flaviana d ́ Oxum, conhecida como Iyalaxé Flavinha d´Oxum, fundámos o Ilê Obá, grupo de dança e coral afro, o primeiro grupo cultural de terreiro do RN. Muitas foram as participações sociais, e o Ilê Obá não estava dando conta, de tantos encaminhamentos, então fundamos o primeiro afoxé da cidade do Natal e do RN o Afoxé Estrela da Manhã, em parceria com o grupo artístico pedagógico Pau e Lata e a Amor (Associação de Moradores da praia da Redinha.)*

*Eu, João Batista de Souza, Pai Batista, nascido em 12 de fevereiro de 1982, Rio Grande do Norte, filho de Maria Bernadete de Souza e Manoel Vieira da Silva, iniciei o processo de desenvolvimento na Jurema na década de 90, aos 16 anos. Nessa época não queria saber dessas questões, criado por pais católicos, tive minha primeira incorporação aos nove anos de idade sem entender direito o que estava acontecendo. Ignorado por meus familiares por não entender meu chamado, iniciei meu reinado de Xangô e aos dez anos cumpri minha primeira obrigação. Precisei compreender a necessidade de seguir esse caminho. Comecei a me aprofundar nos conhecimentos do Candomblé. Aos 16 anos iniciei meu Orixá e aos 17 anos me consagrei a Jurema. Aos 22 anos me tornei Babalorixá. Senti a necessidade de abrir um espaço para ampliar meu trabalho e os orixás me indicaram uma área na Zona Norte de Natal onde me estabeleci e em 23 de abril de 2002 apenas uma pequena construção de 9 metros quadrados fundamos a Casa de Jurema Caboclo Tupi-Guerreiro Desde o início do meu desenvolvimento do terreiro, busquei conversar com as pessoas da comunidade e nessas conversas sempre mantive um bom relacionamento com a comunidade local. Acredito que isso, junto com o fato de estarmos numa comunidade afastada dos grandes centros, evitou que tivéssemos maiores problemas de perseguição e preconceito religioso. A casa tem atividades quase diariamente. Hoje temos um espaço maior, onde realizo atendimentos espirituais, cultivo de folhas e das ervas, tratamento de cura, jogo de búzios e jurema.*

*O sagrado sempre me orientou na perspectiva de que os saberes adquiridos precisavam ser compartilhados e respeitados. Diante disso temos uma prática salutar de pedir a benção uns aos outros independente da hierarquia. Sentimos a necessidade de orientar as pessoas de que a nossa fé e a nossa cultura eram mais importantes do que qualquer sentimento que nos perseguisse.*

*Eu, Cláudio Pascoal Macario de Oliveira, nascido em 21 de março de 1980, Natal-RN, iniciei o Candomblé ainda muito novo após um episódio de doença do meu pai. Em meados de 1986 meu pai adoeceu muito e para o tratamento minha mãe vendeu tudo que tinha e nada de melhora. Apesar de serem iniciados não procuraram de início o tratamento no candomblé. Minha mãe chamou seu irmão de santo, Wilame de Oiá (Salvador-BA) , que mais adiante tornou-se meu Babalorixá, e abriu um Ebócurando meu pai. Meu pai fez a promessa de que quando ficasse bom abriria esta casa. Assim, em 1988 comprou o terreno onde hoje se estabeleceu o terreiro, Ilé Axé Olorum Malé. A área era muito isolada com poucas moradias. Enfrentamos muitas dificuldades de se estabelecer. Iniciei aos 10 anos, também por problemas de saúde, e ajudado por minha mãe a assumir a casa e aos 18 anos, assumi o trono da casa, junto com minha mãe. A casa também tem atividades de Jurema, além do candomblé, realizados em espaços diferentes. O terreiro, apesar de ajudar a comunidade em muitas ocasiões e procurar o bem comum social do local, enfrentamos muitas dificuldades relacionadas ao preconceito racial e intolerância religiosa. Enfrentamos um tempo em que para realizar nossas atividades precisamos de alvará da delegacia para funcionar. E o enfrentamento de vizinhos que faziam de tudo para atrapalhar as atividades, como coquetel molotov, denúncia de barulho, corte de energia, entre outros. Hoje a casa tem um relacionamento mais tranquilo que conseguimos com muita luta e quebrando muitas barreiras. Hoje temos uma inserção no poder público e na sociedade através de participação em fóruns, debates, proposições legais e lutas políticas.*

**4 Resultados e Discussão**

As entrevistas e os dados coletados mostram uma forte tendência de terreiros urbanos se isolarem em áreas das periferias num processo de marginalização e segregação dessas religiões como parte do processo da secularização que privilegiou, no Brasil, o Cristianismo e suas vertentes. Os relatos e estudos evidenciam a luta cotidiana dos seguidores das religiões de tradição africana por um espaço na sociedade, e o efeito do crescimento populacional com a chegada da modernidade e a secularização sobre as mesmas. Verificamos também que o preconceito religioso difundido pela sociedade levou essas vertentes religiosas de matriz africana aqui na Zona Norte de Natal, ao isolamento na periferia, no início, como forma de resistência, reconstrução e reorganização de suas lutas e não como fuga por si só. A maior parte ainda sobrevive no anonimato com algumas exceções que venceram esta barreira inicial. Outro ponto fundamental é que todas as casas pesquisadas conseguiram de alguma forma vencer a barreira do preconceito religioso ainda que estas permaneçam presentes na sociedade.

No caso de Mestre Carlos que teve sua casa fundada no Conjunto Panatis numa área projetada de moradores, o enfrentamento teve uma intensidade maior acarretando o deslocamento do terreiro para um sítio na região agrária de Extremoz, cidade da região metropolitana de Natal. No afastamento destes terreiros dos centros urbanos fica evidente também as diferenças na criação e manutenção dos terreiros diretamente ligada ao setor onde ele foi criado. Na casa de mestre Batista por ter sido fundada em um bairro ou em um setor com um baixo crescimento populacional até hoje, o mesmo conseguiu condições de se estabelecer como pertencente àquele local evitando assim os ataques de grupos contrários a sua religião. Por último, na casa de terreiro do babalorixá Claudio localizado no bairro do Pajuçara em Natal as lutas são diárias porém o terreiro conseguiu manter-se com a união de seus adeptos e de setores da comunidade e órgãos públicos, todavia, passando por várias situações de enfrentamento.

**5 Considerações Finais**

Como a pesquisa etnográfica ainda se encontra em andamento é difícil tecer considerações definitivas ao trabalho presente mas pontuamos alguns fatos relevantes e presentes até o momento.

Durante esta fase inicial da pesquisa se identificou desde o ínicio alguns dados significativos como uma presença maior das casas de Candomblé e Jurema em direção a zona norte da cidade de Natal: seja na abertura de novas casas, seja no deslocamento, isto é, da migração de casas advindas de outros regiões da cidade como é o caso da Casa de Mestre Carlos. Estes deslocamentos indicam a relação conflituosa da permanência dos terreiros em certos locais, principalmente no que diz respeito à convivência com os moradores circunvizinhos, com às mudanças sócio-econômicas trazidas pelo urbanização e crescimento da cidade como metrópole ao longo do século XX e início do século XXI. Conflituosas ou não, a interação entre as casas de Candomblé e Jurema e a cidade apontam para a necessidade de mais pesquisas que analisem as tensões entre as religiões afro-brasileiras e as transformações no espaço público.

Com esta pesquisa estamos desenvolvendo a oportunidade de experimentar a pesquisa etnográfica, sendo portanto um marco significativo para nossa formação como graduandos de uma licenciatura em Ciências da Religião.

**Referências**

ASSUNÇÃO, Luiz. **As religiões afro-brasileiras na cidade do Natal: apontamentos sobre história e memórias. In: Irene van den Berg. (Org.). Memória religiosa da cidade do Nata**l. 00ed.Natal: Edições UERN, 2022, v. 2, p. 101-128.

GOMES, Mércio Pereira: **Antropologia**. São Paulo: Editora Contexto, 2012

KILEUY, Odé; OXAGUIÃ, Vera: **O candomblé bem explicado - Nações Bantu, Iorubá e Fon).** Rio de Janeiro: Pallas Editora e Distribuidora Ltda., 2009, Cap. 1

MAGNANI, José Guilherme Cantor, **Religião na Metrópole: Publicado na exposição: “Diversidade religiosa no Brasil”**, Palácio do Itamaraty, 19/10 a 19/11 de 2006, Brasília, DF

RABELO, M.C.M.; ALVES, P.C.B. SOUZA, I.M.A. **Experiência e doença e narrativa**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1999

RAMOS, Rafaela Meneses**. "Construindo uma tradição". Vivência religiosa e liderança no terreiro Ilé Asé Dajó Obá Ogodô - Natal/RN**: um estudo de caso. Recife, 2006.

TAVARES, Fátima; GIUMBELLI, Emerson**. Coletânea: “Religiões e temas de pesquisas contemporâneas: diálogos antropológicos”** - Salvador/BA: EDUFBA, ABA Publicações, 2015, cap. 3, p. 233-339.

<https://cchla.ufrn.br/mapeamentosdosterreirosdenatal/index.php>

1. Graduando do curso de Ciências da Religião da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Contato: [robsoncordeiro@alu.uern.br](mailto:robsoncordeiro@alu.uern.br) [↑](#footnote-ref-0)
2. Graduando do Curso de Ciências da Religião da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Contato: [ricardoalexandre@alu.uern.br](mailto:ricardoalexandre@alu.uern.br) [↑](#footnote-ref-1)
3. Graduando do Curso de Ciências da Religião da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Contato: [rayssadomingos@alu.uern.br](mailto:rayssadomingos@alu.uern.br) [↑](#footnote-ref-2)
4. Publicado pela Editora da UFBA e organizado por Fátima Tavares e Emerson Giumbelli. Textos encontram-se na parte 3 da publicação: Religião, espaço público e trajetos pessoais. [↑](#footnote-ref-3)
5. Trabalho publicado no catálogo da exposição “Diversidade religiosa no Brasil”, Brasília, 2006, de José Guilherme Cantor Magnani [↑](#footnote-ref-4)
6. Mapeamento de terreiros de Natal - UFRN [↑](#footnote-ref-5)
7. Ceará-Mirim (5), Extremoz (4), Macaíba (2), Parnamirim (5) e São Gonçalo do Amarante (2). [↑](#footnote-ref-6)